

PENSANDO SOBRE O TEMPO E O ESPAÇO COM AS CRIANÇAS NA ESCOLA: TRADIÇÕES DOCEIRAS DA ANTIGA PELOTAS

CAMILA XAVIER VIEIRA¹; **VERIDIANA RIBEIRO CELENTE²**; **INDIARA DOS SANTOS DIAS³**; **LIDIANE AFFONSO DE OLIVEIRA⁴**; **LÍGIA CARDOSO CARLOS⁵**

¹*Universidade Federal de Pelotas – camila.x.vieira89@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – vericelente@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – indiaradias1731@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – lidianeaffonso1504@gmail.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas Orientador – li.gi.c@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido na disciplina “Ensino, Aprendizagem, Conhecimento e Escolarização V” do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). No contexto da disciplina as estudantes organizaram propostas pedagógicas para os anos iniciais do ensino fundamental na área de Ciências Humanas, a partir de diferentes temáticas, com o objetivo de desenvolver as noções de espaço e tempo. Com esse objetivo, selecionamos um tema que trata de aspectos da história do município, considerando a origem das tradições doceiras da Antiga Pelotas de 1770 a 1930. A base teórica para pensar o ensino de História para as crianças centra-se em Cooper (2006) que discute a importância de aprender História como uma dimensão dos anos iniciais do ensino fundamental, com múltiplas perspectivas e significativa para as crianças – pois propõe que elas se relacionem e reflitam sobre o passado por meio de um processo de investigação histórica – e Bittencourt (2018) que problematiza as aprendizagens a partir da formação de conceitos. Por sua vez, a base teórica sobre os processos históricos ocorridos no município foram Ferreira e Cerqueira (2007); Magalhães (2002; 2012) e Marques (1990).

2. METODOLOGIA

Para organizar a proposta começamos pesquisando sobre constituição e características da Antiga Pelotas, composta por territórios que hoje constituem Pelotas, Arroio do Padre, Capão do Leão, Morro Redondo, Turuçu, São Lourenço do Sul e Cristal. Nesse processo a questão instigadora foi saber como foi possível uma região que não produzia açúcar ter desenvolvido duas tradições doceiras, a dos doces finos e a dos doces coloniais. Posteriormente, pensamos em como as crianças podem se engajar em um processo de investigação histórica (COOPER, 2006), considerando o tempo com suas mudanças e permanências, as inferências a partir artefatos, a ampliação de vocabulário e a interpretação de ilustrações e textos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme o Dossiê de Registro da Região Doceira de Pelotas e Antiga Pelotas, organizado pelo IPHAN (2018), a configuração socio geográfica da região deu origem às tradições doceiras que se desenvolveram nas duas grandes

paisagens naturais da região de Pelotas do século XIX: a paisagem de planície e a serrana. Nas terras planas, ocupadas sobretudo por portugueses, luso-brasileiros, africanos e descendentes de africanos escravizados, com atividades pastoris e a indústria do charque desenvolvidas em grandes propriedades, surgiu a tradição de doces finos. Nas terras altas, na chamada Serra dos Tapes, ocupadas por imigrantes europeus de diversas origens, com atividades agrícolas em regime de pequenas propriedades, em especial a horticultura e a fruticultura, surgiu a tradição de doces coloniais.

Os estudos de Magalhães (2002; 2012) e Marques (1990) explicitam que José Pinto Martins, português, produtor de carne seca no Ceará, vem para a região em 1779 e se instala às margens do Arroio Pelotas, fundando a primeira charqueada. Posteriormente outras charqueadas se estabeleceram e, nesse contexto, a produção de charque e a escravidão foram responsáveis pelo enriquecimento local.

A indústria do charque movimentava a economia da região e demandava grande quantidade de sal para a conservação do produto. O sal era trocado por açúcar, que era usado na confecção dos doces. A produção de doces finos era feita pelas mulheres das famílias abastadas e mulheres negras escravizadas, no interior dos casarões (FERREIRA; CERQUEIRA, 2007). Tiveram influência da culinária portuguesa, com elementos da culinária africana, através da participação das mulheres escravizadas, e dos ingredientes aqui disponíveis. Eram consumidos, principalmente em festas e saraus da elite. O declínio das charqueadas, devido às leis abolicionistas e ao desenvolvimento dos frigoríficos, fez com que as mulheres investissem no trabalho que gerasse uma renda extra. Assim começaram a produzir os doces finos para serem comercializados.

Com a chegada dos imigrantes no final do século XIX, se estabeleceram colônias de imigração na região da Serra dos Tapes. Colonos franceses, austríacos, alemães e italianos se dedicaram ao cultivo de frutas de clima temperado, sobretudo o pêssego. Essas frutas passaram a ser usadas em compotas, doces de massa, passas e cristalizadas, os chamados doces coloniais.

Trouxemos esses aspectos da História da região para enfatizar a importância do conhecimento teórico, de fontes científicas confiáveis, para que as professoras possam conduzir os processos de ensino e aprendizagem com as crianças.

Além da base teórica, é importante que as professoras dos anos iniciais, como mediadoras dos conhecimentos que as crianças já possuem sobre o passado, possibilitem o desenvolvimento das noções duração, sucessão e simultaneidade, para a compreensão do tempo histórico (BITTENCOURT, 2018). Dito isso, passamos para a indicação de encaminhamentos pedagógicos de sala de aula. São eles:

1) As biografias pessoais das crianças e suas experiências e saberes com os doces pelotenses podem ser usadas como ponto de partida para explorar o passado por meio de sua experiência direta.

2) A socialização de fotografias, pinturas, anúncios de jornal, mapas antigos etc. possibilita conhecer aspectos do passado e fazer inferências/adivinhações a partir de traços do passado que permaneceram e se modificaram.

3) A sequenciação de acontecimentos permite reconhecer marcadores temporais como anos, décadas, séculos. Também, permite traçar as causas e efeitos de mudanças ao longo do tempo; para entender como e por que os tempos passados eram diferentes e semelhantes à atualidade, bem como a

origem de tradições que permanecem atualmente na configuração espaço-temporal da cidade.

4. CONCLUSÕES

O tema escolhido possibilitou aprendizagens sobre a história da cidade de Pelotas-RS, conhecida por sua rica e diversificada produção de doces, que remonta ao século XIX, quando a região era um importante polo econômico e cultural do Brasil. Os doces de Pelotas são fruto da influência de diferentes povos que trouxeram suas receitas, técnicas e ingredientes para a doçaria local. Os doces de Pelotas, também relacionados à história das charqueadas, se tornaram símbolo da identidade cultural da cidade, sendo reconhecidos como patrimônio imaterial do Brasil em 2018.

Não foi um projeto de ensino realizado com as crianças, mas uma experiência de organizar e relacionar objetos do conhecimento a serem ensinados nos anos iniciais com estratégias pedagógicas estudadas na formação inicial no curso de Pedagogia, partindo do princípio de que o planejamento é um exercício intelectual da docência.

Além disso, foi importante porque possibilitou reflexões sobre fatos e acontecimentos históricos que são destacados a partir de determinados interesses sociais e econômicos. Também, foi relevante considerar que há diferentes versões e pontos de vista na construção histórica, podendo gerar apagamentos de aspectos do passado, como no caso da influência das mulheres negras escravizadas na produção de doces finos, que em muitos relatos são reduzidas a auxiliares no manuseio de panelas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Circe Maria. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo, Cortez, 2018.

COOPER, Hilary. Aprendendo e ensinando sobre o passado a crianças de três a oito anos. **Educar**, Curitiba, p. 171-190, 2006.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi; CERQUEIRA, Fábio Vergara. Mulheres e doces: o saber-fazer na cidade de Pelotas. **Patrimônio e Memória**, v. 8, n. 1, p. 255-276, 2007. Disponível em:
<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/156> Acessado em:
16/08/2023.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Dossiê de Registro da Região Doceira de Pelotas e Antiga Pelotas (Arroio do Padre, Capão do Leão, Morro Redondo e Turuçu) / RS**. Brasília: Ministério da Cultura, 2018. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/79229/174300.pdf?sequencia=1&isAllowed=y> Acessado em: 16/08/2023.

MAGALHÃES, Mario Osorio. **História do Rio Grande do Sul (1626 - 1930)**. Mario Osorio Magalhães. Pelotas, Editora Armazém Literário, 2002. 100p.

MAGALHÃES, Mario Osorio. **Pelotas Princesa - livro comemorativo ao bicentenário da cidade.** Mario Osorio Magalhães. Pelotas, Diário Popular, 2012. 150p.

MARQUES, Alvarino da Fontoura. **Evolução das charqueadas rio-grandenses.** Martins Livreiro - Editor. Porto Alegre, 1990. 196p.